

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

EIXO: HIBRIDIZAÇÃO

A Contribuição da Arquitetura e da Experiência na Concepção de Edificações Penais no Rio de Janeiro

Lídia Quietto Viana
Arquiteta, Mestre, professora assistente UGF e substituta DARF/FAU/UFRJ
Rua Manuel Vitorino, 369 – Piedade – CEP 20740-280, RJ
lidiaquietto@yahoo.com.br

Paulo Afonso Rheingantz
Doutor, Prof. Adjunto PROARQ/FAU-UFRJ
Av. Brigadeiro Trompowsky, s/n – sala 433 CEP 21949-900 Ilha do Fundão - Rio de Janeiro
par@ufrj.br

Alice Barros de Horizonte Brasileiro
Doutor, Prof. Adjunto DTC/FAU-UFRJ
Av. Brigadeiro Trompowsky, s/n – sala 422 CEP 21949-900 Ilha do Fundão - Rio de Janeiro
alicebrasileiro@ufrj.br

Resumo:

Este artigo apresenta duas unidades penais do Rio de Janeiro em uso – Bangu IV e Talavera Bruce –, analisa sua arquitetura, seu funcionamento, e apresenta relatos de profissionais da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), bem como profissionais que trabalharam na elaboração dos projetos e observações da pesquisadora em campo. A concepção dos espaços penais é tratada como um entrelaçamento de conhecimentos técnicos, acadêmicos e experienciais. Nas unidades penais, mais uma vez se constata o caráter transdisciplinar – que vem sendo requerido em diversas áreas do conhecimento – e o fato de que o bom desenvolvimento do espaço penal depende de uma série de conhecimentos que vão além do conhecimento disciplinar da arquitetura. Abrange não só outras disciplinas, como também o conhecimento prático da experiência de atuar no ambiente rotineiramente, mostrando que o aprendizado do arquiteto é contínuo. O trabalho é fundamentado na abordagem experiencial, utilizando a observação incorporada como uma atitude do pesquisador, entrevistas baseadas no conceito de empatia de Thompson (1999) e análises dos projetos em questão. A partir do relato de profissionais e presos e da aproximação com a realidade penal foi possível levantar alguns problemas e intervenções em projetos em relação à aplicação do sistema penal brasileiro atual. Desse modo, busca-se evidenciar **a contribuição da arquitetura e da experiência e sua participação nos objetivos da gestão e na resolução de questões típicas do programa penal**. Não é intenção deste trabalho fazer uma radiografia dos estabelecimentos penais fluminenses, porém, algumas unidades são aqui utilizadas como apoio para a análise de como arquitetura pode participar, positivamente ou não, de sua configuração e uso.

Palavras chave: Arquitetura penal, Cognição, Ambiente

Eixo: Hibridação

Abstract:

This article presents two criminal units of Rio de Janeiro in use - Bangu IV and Talavera Bruce - , analyses its architecture, its functioning, and presents relates of professionals of the Penitentiary Administration Secretary prison (SEAP), as well as professionals who had worked in the elaboration of the projects and observations of the researcher in field. The conception of the penal spaces is dealt with as an interlacement knowledge technician, academics and experiential. In the penal units, one more time the character is evidenced to transdisciplinary - that it comes being required in diverse areas of the knowledge - and the fact on that the good development of the penal space depends on a series of knowledge that go beyond the disciplinary knowledge of the architecture. It encloses not only others disciplines, as well as the practical knowledge of the experience of acting in the environment routinely, showing that the learning of the architect is continuous. The work is based on the experiential boarding, using the embodied observation as an attitude of the researcher, interviews based on the concept of empathy of Thompson (1999) and analyses of the projects in question. From the relate of professionals and prisoners and the approach with the penal reality it was possible to raise some problems and interventions in projects in relation to the application of the current Brazilian penal system. In this manner, one searches to evidence **the contribution of the architecture and the experience and its participation in the objectives of the management and the resolution of typical questions of penal program**. It is not intention in this work to make a x-ray of the of the state of Rio de Janeiro penal establishments, however, some units here are used as support for the analysis of as architecture can participate, positively or not, of its configuration and use.

Keywords: penal Architecture, Cognition, Ambient

Axis: Hybridization

Resumen:

Este artículo presenta dos unidades criminales de Rio de Janeiro funcionando - Bangu IV y Talavera Bruce -, analiza su arquitectura, su funcionamiento, y presenta relatos de los profesionales de la Secretaría de Administración de la Prisión (SEAP/RJ), así como los profesionales que habían trabajado en la elaboración de los proyectos y de los observaciones del investigador en campo. La concepción de los espacios penales se trata como una intercalación del conocimiento técnico, académico y experimental. En las unidades penales, más una vez se evidencia el carácter transdisciplinar - ese él viene siendo requerido en las áreas diversas del conocimiento - y el hecho en ése el buen desarrollo del espacio penal depende de una serie de conocimientos que vaya más allá del conocimiento disciplinario de la arquitectura. Incluye no sólo otros las disciplinas, así como el conocimiento práctico de la experiencia de la actuación en el ambiente rutinario, demostrando que el aprendizaje del arquitecto es continuo. El trabajo se basa en el abordaje experimental, aplicando la observación incorporada como actitud del investigador, entrevistas basadas en el concepto de empatía de Thompson (1999) y los análisis de los proyectos en cuestión. De los relatos de profesionales y de presos y del acercamiento de la realidad penal era posible levantar algunos problemas e intervenciones en proyectos en lo referente al uso del sistema penal brasileño actual. De este modo, se busca evidenciar la **contribución de la arquitectura y su participación en los objetivos de la gerencia y la resolución de cuestiones típicas de programa penal**. No es intención en este trabajo hacer una radiografía del de los establecimientos penales de lo estado del Rio de Janeiro, sin embargo, algunas unidades aquí se utilizan pues ayuda para el análisis como la arquitectura puede participar, de positivamente o no, de su configuración y uso.

Palabras-llave: Arquitectura penal, Cognición, Ambiente

Eje: Hibridación

Apresentação

Esse artigo resulta de seis anos de pesquisa com a arquitetura penal, aonde vem se constatando a importância da experiência no ambiente penal para a concepção de suas edificações, de caráter tão singular. Compreendendo o pesquisador como um ser humano, as bases e fundamentos que sustentam a visão teórica adotada evidenciam a postura do autor diante do tema pesquisado, assim como dos profissionais envolvidos. “A partir do momento que lidamos com um ser vivo, nós sabemos que o modo de descrição pertinente deve incluir o “ponto de vista” do ser vivo sobre o seu mundo...” (STENGERS, 2002: 58). Aceitando o homem como um ser dotado de racionalidade, sentidos e sentimentos, a pesquisa soma a subjetividade – inerente ao ser humano – ao pensamento racional na construção do conhecimento científico e na interação homem-ambiente, entrelaçando informações *técnicas, acadêmicas e experienciais*:

Conhecimento técnico: profundo conhecimento dos materiais construtivos – não só de sua execução, mas principalmente de suas propriedades (resistência e durabilidade, entre outros).

Acadêmico: profundo e claro estudo de fluxos e setorização, assim como da conjugação das instalações – elétricas, hidráulicas e de esgoto – com os aspectos de segurança.

Experiencial: o conhecimento fundamental do funcionamento das unidades para a previsão de situações de risco e saídas encontradas pelos presos para driblar os aparatos de segurança, somente vivenciados por funcionários que convivem diariamente nas unidades.

Esse artigo apresenta algumas unidades penais no Rio de Janeiro, não só a partir do projeto de arquitetura e tipologia, mas também, do seu funcionamento na prática, a partir de relatos de profissionais da SEAP, funcionários das unidades, assim como profissionais que trabalharam na elaboração dos projetos e observações em campo. É um entrelaçamento das informações levantadas ao longo da pesquisa com o conhecimento prático e a experiência em campo – do pesquisador e de outros profissionais. Esse entrelaçamento tem como finalidade, detectar pontos positivos e negativos dos projetos de unidades penais a partir da vivência no ambiente, possibilitando um aperfeiçoamento da prática projetual na área e um melhor conhecimento de certas particularidades do ambiente penal, resultando em uma apreensão mais aproximada e menos representativa da realidade penal.

A partir do relato de profissionais e presos e da aproximação com a realidade penal foi possível levantar alguns problemas e intervenções em projetos quanto à aplicação do sistema penal brasileiro atual. A observação em campo permite ao pesquisador um conhecimento mais rico do ambiente estudado que se configura a partir de suas impressões, cheiros do lugar, percepção das relações estabelecidas pelos usuários, relação com o espaço físico e apreensão do uso do espaço em sua rotina. *Desse modo, busca-se evidenciar a contribuição da arquitetura e sua participação nos objetivos da gestão e na resolução de questões típicas desse programa penal.* As unidades apresentadas – Bangu IV e Talavera Bruce – não foram selecionadas a partir de critérios de pesquisa, mas a partir da possibilidade de acesso do pesquisador as unidades e seus dados projetuais e processo de elaboração do projeto – Bangu IV.

A estrutura do trabalho foi segmentada em 4 partes: (1) O espaço como lugar de experiência – apresenta a fundamentação teórica do trabalho; (2) A apreensão da Experiência – apresenta a aplicação da fundamentação teórica, materiais e métodos utilizados; (3) Projetos e Experiências nas Unidades Penais de Bangu – entrelaçamento das informações de projeto, entrevistas e visitas; (4) Considerações sobre a Contribuição da Arquitetura e da Experiência.

1. O Espaço como um Lugar de Experiência

O sujeito, que a ciência moderna lançara na diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica (SANTOS, 1996: 43).

Por todo o período moderno, acredita-se na soberania do espaço em relação à experiência humana e na capacidade do espaço dominar as ações humanas no lugar. O espaço moderno é pensado a partir de relações funcionais, racionais que definem setores, o modo do homem usar

o lugar – o lugar de circular, estar, trabalhar. A idéia do mundo como um sistema ecológico, passa a tratar o espaço físico como um *lugar* a partir de uma visão fenomenológica¹, ou seja, da indissociabilidade entre homem e ambiente. “... o lugar é definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e está relacionado fenomenologicamente com o corpo humano” (MONTANER, 2001: 32). Lefebvre (1991: 300) fala da arquitetura como algo que é produzido e reproduzido a partir da *interação* dos indivíduos e da *interpretação* que cada um dá ao espaço a partir de sua experiência no lugar e sua história de vida. Desse modo aborda a arquitetura como um lugar vivo, real que considera a experiência humana, sensações e ações.

O aprendizado da vida deve dar consciência de que a “verdadeira vida”, para usar a expressão de Rimbaud, não está tanto nas necessidades utilitárias – às quais ninguém consegue escapar –, mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas (MORIN, 2003: 54).

O significado ou interpretação que damos ao espaço ao idealizá-lo ou experienciá-lo varia com tempo, a cultura e a nossa própria experiência de vida, memórias, imaginação, que vão, de certo modo, direcionar as nossas sensações no lugar atribuindo-lhe conotações qualitativas. Considerando a arquitetura como um lugar de existência da pessoa, suas propriedades e fenômenos se criam exatamente da presença da pessoa e sua vivência no lugar – a pessoa é o sujeito da experiência. A *Abordagem Experiencial*, aplicada a este trabalho, baseia-se na abordagem *atuacionista* proposta por Varela, Thompson e Rosch (2003) e no pressuposto de que a interação pessoa-ambiente se dá de forma biunívoca num processo constante.

Varela et al (2003: 210) propõem que cognição é *atuação*: “uma história de acoplamento estrutural que produz um mundo”, ou seja, o ser humano não se transforma para se adaptar ao meio, mas simplesmente abandona situações que não se adéquam, em face de outras mais satisfatórias ao entrelaçamento entre homem e meio ou as transforma para que passem a se adequar. Como toda ação humana se dá nesse entrelaçamento, toda ação é ação *incorporada*: (1) pelas emoções e sentimentos da pessoa; (2) pelo contexto biológico, psicológico e cultural – local, história, experiência – indissociáveis do ser humano (VARELA et al: 2003: 177; RHEINGANTZ; ALCANTARA, 2007). Desse modo, pode-se dizer que o processo cognitivo funciona como um elo que associa *pessoa* – dotada de emoções e sentimentos –, *lugar* – vivenciado pelo homem – e *situação/ocasião* – tempo, momento da experiência do homem no lugar. Isso porque nem a pessoa, nem o tempo ou o lugar são permanentemente os mesmos, estão em contínuo processo de transformação a partir da interação e experiência mútua.

Cheguei à conclusão que seja o que for que espaço e tempo signifiquem, lugar e ocasião significam mais; pois espaço, na visão do homem, é lugar, e tempo, na visão do homem, é ocasião. Mantidos fora do mecanismo esquizofrênico do pensamento determinista, tempo e espaço permanecem como abstrações congeladas. (VAN EYCK, 1961: 238 apud FORTY, 2000: 271)

A atenção e a incorporação das emoções, sensações e estímulos produzidos durante a observação, bem como a indissociabilidade entre pessoa e ambiente são as principais contribuições da abordagem experiencial ao estudo das relações pessoa-ambiente. Com base no pressuposto de Latour (2001: 338) – “não existe um mundo lá fora, não porque inexista um mundo, mas porque não há uma mente lá dentro” – e no entendimento de que os comportamentos e as ações observados não se resumem a uma relação de causa e efeito, a abordagem experiencial busca compreender as razões que justificam os comportamentos observados, inclusive as emoções embutidas nestas ações. Desse modo, a abordagem experiencial pode vir a contribuir para superar o distanciamento da tradição *behaviorista* nas relações pessoa-ambiente, e busca compreender as razões e motivações dos comportamentos dos seres humanos em sua interação com o ambiente (RHEINGANTZ; ALCANTARA, 2007).

Seguindo a linha de raciocínio de que o mundo é um sistema ecológico, a experiência humana se dá a partir da sua interação com o meio e com as pessoas com as quais interage no meio. Segundo Thompson (1999,), o indivíduo se constitui a partir de sua interação com o mundo, suas coisas e com as outras pessoas. “No caso humano, o corpo vivo precisa completar a si

¹ Na abordagem de Merleau-Ponty (2001), Heidegger (1954) e Husserl (1984)

mesmo não só nas coisas do mundo, mas em outros seres humanos” (THOMPSON, 1999: 09)². Em outras palavras, a consciência do observador não está em sua mente, mas é inerente ao corpo e às suas relações interpessoais – *empatia cognitiva*. “A empatia, como a percepção, é uma forma de experiência direta: da mesma forma que o senso de percepção nos mostra as coisas do mundo em si, e não a representação das coisas, a empatia nos mostra a experiência do outro, e não a representação dela” (THOMPSON, 1999: 12).³ Desse modo ao interagir com outra pessoa, apreendemos a sua experiência – mesmo que não tenhamos passado por ela.

A abordagem experiencial da relação pessoa-ambiente, adotada na presente pesquisa, permite que se identifiquem os atributos qualitativos e as associações entre a conformação espacial do lugar/ambiente e as experiências dos indivíduos, possibilitando intervenções e projetos novos que, de fato, sejam pertinentes em relação aos desejos de seus usuários e ao contexto/programa estudado. A experiência do pesquisador no lugar traz informações mais significativas do que a interpretação distanciada ou a representação, por permitir àquele uma interação com o ambiente e a constatação de suas próprias sensações no lugar. A empatia cognitiva permite proximidade com os usuários na aplicação dos métodos de pesquisa e sua observação atenta, fatores fundamentais para o profundo entendimento do contexto estudado – que foge à realidade do pesquisador. Essa abordagem é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa por proporcionar ao pesquisador a vivência no ambiente penal e uma profunda apreensão de sua rotina e realidade através da experiência compartilhada de funcionários e presos no lugar.

2. Apreendendo a Experiência

A partir do entendimento de que o espaço da arquitetura penal é um lugar de experiências, realizou-se análises de duas unidades penais – Bangu IV e Talavera Bruce – a partir do entrelaçamento do estudo de seus projetos e a concepção física de seus espaços, a experiência do pesquisador em campo e da experiência de funcionários e profissionais de alguma forma associados à elaboração de seus projetos. Para tanto foram realizadas entrevistas e visitas às unidades. O contato com esses profissionais se deu inicialmente por meio de um conhecimento pessoal da pesquisadora com duas funcionárias da SEAP, e a partir daí, a rede de contatos pôde ser expandida para os demais profissionais afins, que se mostraram disponíveis a contribuir com a presente pesquisa.

As **entrevistas** foram aplicadas a funcionários e profissionais envolvidos com a temática em questão, a contribuição da arquitetura e da experiência no uso e funcionamento da edificação e as peculiaridades de seu projeto e dia a dia. Sua utilização foi essencial por permitir a apreensão da experiência – a partir do conceito de Empatia de Thompson, a apreensão profunda da experiência do outro a partir da interação entre indivíduos – de profissionais da área que conhecem profundamente a rotina do ambiente penal e seus pontos mais críticos. Neste trabalho utilizam-se entrevistas semi-estruturadas e não-estruturadas (SOMMER E SOMMER, 1991). Este instrumento permitiu uma maior aproximação da pesquisadora com os usuários do espaço, por permitir que o entrevistado discorra livremente pelo assunto abordado, possibilitando um maior e mais profundo entendimento de sua realidade particular. As entrevistas foram aplicadas não só para responder a questões específicas, mas também a partir de oportunidades que se apresentaram.

As **entrevistas não estruturadas** foram elaboradas a partir de tópicos, reunindo questões especificamente relacionadas com a experiência dos profissionais entrevistados. A aplicação se deu em dois grupos profissionais da área:

(1) arquitetos e engenheiros – abordando sua experiência de trabalho na área: a contribuição do projeto de arquitetura, peculiaridades do programa, dificuldades de execução e detalhes de alguns projetos por eles executados. Realizaram-se em seus ambientes de trabalho, junto à observação de plantas e outros desenhos dos projetos das unidades em que participaram. Muitas informações e questões foram elucidadas a partir da elaboração de desenhos – croquis – pelos entrevistados, para exemplificar ou demonstrar o que estavam relatando, ou quando

² Tradução livre dos autores (In the human case, the lived body must complete itself not simply in things or the world, but in other human beings.)

³ Tradução livre da autora (Nonetheless, empathy, like perception, is a form of direct experience: just as sense perception gives us the worldly thing itself, not a representation of the thing, so empathy gives us the experience of another, not a representation of it).

faziam comparações entre projetos e seus elementos. Valiosas informações foram obtidas sobre as peculiaridades de projeto e seu processo de elaboração, facilitadas pela evidencia dos desenhos.

(2) agentes penitenciários – abordando questões como: a segurança e a vigilância dos presos em relação à configuração da edificação, funcionalidade e adequação do edifício nas atividades diárias da edificação, rotina de trabalho na unidade e suas dificuldades, pontos negativos e positivos. Realizaram-se nas unidades visitadas, sendo mais informais, ao percorrer a unidade, de modo que muitas questões novas surgiram, a partir da apreensão do ambiente e da observação de certas situações. Os entrevistados foram relatando livremente uma série de situações à medida que fazíamos o percurso e as perguntas iam sendo inseridas em seus relatos. Os agentes penitenciários se mostraram como principal fonte de pesquisa para a apreensão do ambiente penal.

As **entrevistas semi-estruturadas** foram elaboradas a partir de um roteiro de perguntas direcionadas a experiência dos profissionais, apresentando flexibilidade para a inserção de novas questões e a facilitação do entendimento das perguntas. A aplicação se deu em dois grupos de profissionais da área:

(1) psicólogos da SEAP – abordando questões como: a segurança em relação à configuração da edificação, adequação do edifício nas suas atividades específicas, rotina de trabalho na unidade e suas dificuldades. Algumas entrevistas foram realizadas nas unidades visitadas e outras na SEAP. Como no caso dos agentes, as entrevistas realizadas ao longo do percurso das unidades foram mais ricas, como também mais informais.

(2) Funcionários da área de saúde da SEAP – abordando questões como: a incidência de doenças nos presos relacionadas a configuração da edificação, rotina de trabalho na unidade e suas dificuldades. Essas entrevistas foram realizadas na SEAP, se configurando em entrevistas mais formais e gerais pela falta do ambiente ou da utilização de desenhos que exemplificassem situações específicas. Ao longo da entrevista, alguns entrevistados citaram e descreveram algumas unidades e suas configurações, ilustrando melhor suas respostas e mesmo comparando situações.

A **observação em campo** tem como finalidade experienciar o lugar, proporcionando um maior conhecimento e vivência do ambiente penal por parte da pesquisadora, com foco na relação do espaço físico com o funcionamento da unidade, usos e finalidades. A Abordagem Experiencial, adotada pela pesquisadora nas visitas sob a forma da Observação Incorporada e no próprio desenvolvimento da investigação, visa a apreensão da experiência do indivíduo no ambiente de forma mais consciente de suas sensações, contendo assim, significados somente possíveis a partir da experiência no lugar. O distanciamento do profissional que concebe o espaço com relação ao seu contexto e realidade gera, muitas vezes, ambientes dissociados de seus propósitos, conformando espaços genéricos; desse modo, pretende-se com essa abordagem propiciar ao pesquisador a experiência do lugar, ao invés de uma interpretação distanciada do ambiente.

Desse modo, o pesquisador utilizou um caderno de campo onde foram feitas anotações e ilustrações das situações experienciadas durante as visitas nas unidades, assim como de suas sensações durante a experiência. São relatos da experiência do pesquisador no ambiente, de uma forma mais atenta e consciente de suas sensações e emoções, incorporando a reflexão do pesquisador sobre a própria experiência, somando emoção a razão. Uma maneira diferente de olhar o lugar que se deixa por ele impregnar que não exclui ou renega os métodos racionais, mas aceita que o pesquisador age pela razão associada à emoção, não havendo neutralidade. Essas informações entrelaçadas ao estudo da concepção física do espaço – seus projetos – resultou em valiosa contribuição para um entendimento mais profundo da temática e da relação pessoa-ambiente, a seguir apresentadas. Desse modo, busca-se evidenciar a *contribuição da arquitetura e da experiência e sua participação nos objetivos da gestão e na resolução de questões típicas desse programa arquitetônico.*

3. Projetos e Experiências nas Unidades Penais de Bangu, Rio de Janeiro

As primeiras unidades de Bangu são construídas na década de 1940, quando ainda não se tem a intenção de conformar um complexo penal, mas de isolar as unidades penais do centro urbano. Desse modo, esses estabelecimentos se configuram como unidades autônomas – a

atual Penitenciária Talavera Bruce, a Penitenciária Central e o Sanatório Penal. Com o passar dos anos outras unidades penais são construídas configurando o Complexo Penal de Bangu. A “onda humanizadora” estabelecida na década de 1980 no sistema penal brasileiro e a instituição da Lei de Execuções Penais (LEP) nº 7.209, de 11 de julho de 1984, trazem a necessidade de novas unidades penais mais condizentes com essa nova proposta, que ficam conhecidas como as novas unidades de Bangu: Bangu I, II e III e IV (SENNÁ, 1996).

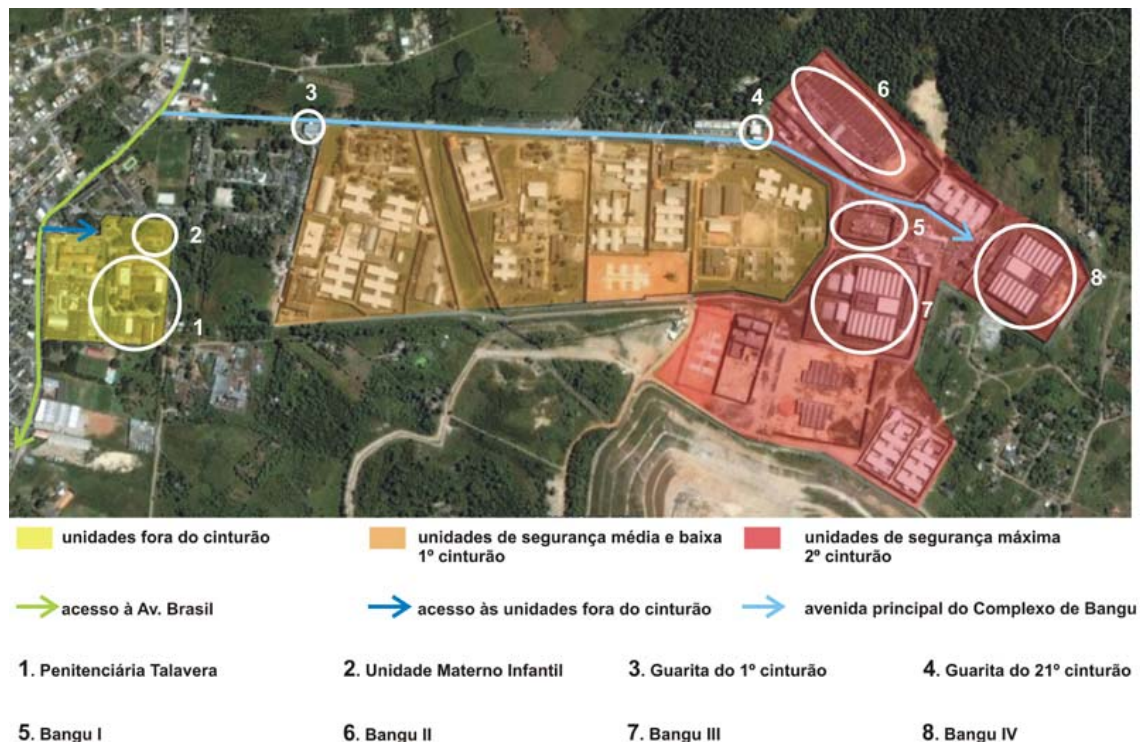


Fig. 01 – Complexo Penitenciário de Bangu, RJ

Fonte: Google Earth

Talavera Bruce

A penitenciária Talavera Bruce é inaugurada em 1942, buscando atender ao decreto Lei nº 3971 de 27/12/1941, que solicitava a construção de uma penitenciária exclusiva para o sexo feminino. É a primeira unidade penal construída para esse fim no Brasil, como também uma das primeiras unidades a ser construída no Complexo de Bangu. Funciona inicialmente como reformatório da moral, com capacidade para 60 presas, sendo administrada de 1942 a 1955 pelas irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Bom Pastor d’Angers. Há pouquíssimas informações sobre o projeto original e suas modificações⁴. Junto à entrada da unidade localiza-se uma Capela, inicialmente aberta à população vizinha, e hoje desativada. Ao longo do funcionamento da unidade diversas modificações foram feitas na edificação devido à inadequação do modelo quanto à segurança – aos poucos a unidade vai se caracterizando com os elementos da tradicional arquitetura penitenciária.

Em 1953, a unidade sofre uma ampliação que duplica a sua capacidade (SOARES; ILGENFRITZ, 2002: 62), em 1955 a unidade volta a ser administrada pelo Estado e em 1966 passa a ser chamada de Instituto Penal Talavera Bruce, época em que a unidade abrigou famosas criminosas, como a “fera da Penha”. No início da década de 1970 a unidade recebe as primeiras presas políticas que ocupam o edifício anexo ao fundo do terreno, exclusivo para esse tipo de presa (LEMGRUBER, 1999). Hoje a unidade funciona como uma Penitenciária de

⁴ Todos os desenhos elaborados neste trabalho sobre a Penitenciária Talavera Bruce são esquemáticos, elaborados com base em observações de campo e imagens do Google Earth. Tem a finalidade de esclarecer o modo de uso e a organização espacial da unidade – seus setores, fluxos, equipamentos –, suas medidas não estão corretas, assim como o tamanho e número de alojamentos e celas.

segurança máxima – ainda feminina – com capacidade para 338 presas, distribuídas em duas edificações: a principal e a edificação anexa.

O acesso ao Talavera Bruce e à Unidade Materno Infantil Madre Tereza de Calcutá é feito através de um portão único – o acesso e o edifício do corpo da guarda são comuns para as duas unidades. O portão se abre para uma pequena praça arborizada com alguns brinquedos para crianças e uma capela – paisagem inesperada para uma unidade prisional (Fig. 02). À direita se vê a entrada da penitenciária e, logo à frente, a capela e um pequeno portão à esquerda dá acesso à unidade materno infantil. Uma pequena edificação junto ao portão da penitenciária abriga a sala de revista de visitantes.

Já se vê, logo em frente, uma pequena capela, árvores, um parquinho de crianças e presas varrendo as folhas caídas no chão, uma imagem que jamais seria associada a uma unidade penal. Faz silêncio, só se ouve o barulho de árvores balançando ao vento e passarinhos⁵.



Fig. 02 – Entrada da Penitenciária Talavera Bruce e a capela

Fonte: <http://programastvonline.blogspot.com/2007/11/presas-modelos-documental-documentos-tv.html>

A edificação principal da Penitenciária Talavera Bruce (Fig. 03) é dividida em três setores: (1) administração; (2) apoio e disciplina; (3) área de vivência, que abriga toda a parte de administração interna, apoio e alguns espaços de trabalho. Como essa é uma edificação antiga, seus setores não se apresentam de forma tão rígida como nas unidades mais recentes, que já são pensadas a partir de um zoneamento, além de ter sofrido muitas alterações ao longo do tempo. O acesso à edificação se dá através de um hall que distribui o fluxo para dois corredores ortogonais – um do bloco de administração e um do bloco de apoio. Passando pelo bloco de apoio tem-se acesso ao corredor principal da unidade – que funciona como na tipologia de blocos paralelos: um corredor espinha que liga os blocos perpendiculares (galerias e áreas de trabalho) – dá acesso aos pátios, galerias e áreas de trabalho.

⁵ Trecho retirado do Relato Experiencial do Talavera Bruce realizado pela autora.



Legenda

A. Entrada/bloco extramuro
 B. Posto de vigilância
 C. Sala para revista
 D. Capela
 E. Parquinho infantil

F. Unidade materno infantil
 G. Entrada do bloco principal
 H. Setor administrativo
 I. Áreas de trabalho
 J. Biblioteca

L. Galerias de celas/alojamentos
 M. Pátios
 N. Espaço ecumênico
 O. Espaço coberto para visitação
 P. Cantina
 Q. Horta

Fig. 03 – Planta esquemática da Penitenciária Talavera Bruce

Fonte: desenho da autora

Toda a edificação é composta por blocos lineares e apresenta a linguagem da arquitetura *Art Deco*, que, com exceção do bloco de apoio e das galerias do segundo pavimento, apresentam corredores laterais com janelas altas fechadas por basculantes ou, em alguns casos, barras de ferro. Todos os compartimentos da unidade – inclusive os blocos de administração, apoio e auditório – apresentam janelas altas, tanto para o exterior como para o corredor de acesso, exceto na galeria de celas, onde só há aberturas para o exterior nas celas. O ambiente é bem conservado, paredes pintadas em um tom sóbrio de cinza até a altura das janelas e o restante branco. A personificação do ambiente é marcante e se nota já no hall a partir de trabalhos manuais das presas e enfeites de papel colorido recortado nas paredes. A unidade passa por pequenas obras de manutenção e muitas de suas áreas já estão pintadas em azul, a pedido da nova diretora, a fim de dar um tom mais vivo e leve.

... é marcante a diferença para as unidades masculinas pela personificação do ambiente – cartazes, recortes em papéis coloridos e objetos confeccionados pelas presas. Não é um ambiente bonito, mas bem cuidado: paredes bem conservadas – pintadas até a altura das altas janelas gradeadas com um cinza escuro, bem sóbrio – e o piso de marmorite.⁶

Os pátios ficam nos espaços entre os blocos, a utilização de três pátios permite a separação das presas no horário de banho de sol. O pátio principal – o maior – fica entre os blocos de administração e o corredor principal, é usado para prática de esportes e algumas atividades da unidade. Nos horários de banho de sol as presas usam esse espaço para ensaios de eventos e desfiles do concurso de Miss. O pátio que fica entre os blocos é mais utilizado como uma

⁶ Trecho retirado do Relato Experiencial do Talavera Bruce realizado pela autora.

espécie de área de serviço, onde as presas lavam a roupa e as deixam penduradas pra secar. O último, entre o bloco e o muro costuma ser mais restrito.

A visitação, festas de Natal, Dia das Mães, costumam se realizar na parte aberta ao fundo da unidade, entre a edificação principal e o bloco anexo que apresenta uma pequena área coberta – onde são organizadas mesas enfeitadas. As famílias costumam estender cobertas no chão e as crianças dispõem de um parquinho com brinquedos. Nos dias de visita, os produtos feitos pelas presas – atividades de artesanato, bombons, roupas – feitos individual ou coletivamente, são expostos para a venda. A visita íntima é feita em uma ala reservada para essa finalidade, com alojamentos adequados.

O Talavera Bruce é uma das unidades que mais oferece oportunidades profissionais e educativas. As presas que trabalham passam o dia “soltas”, podendo circular em determinadas áreas, dependendo do local de sua atividade – algumas por toda a unidade, como as da limpeza, outras somente até o corredor principal. O corredor principal é como a avenida principal de uma cidade: distribui o fluxo para os pátios, áreas de trabalho e galerias. Funciona em um só pavimento subdividido por “gaiolas”⁷ que ficam abertas durante o dia quando é iluminado por janelas altas. Do corredor é possível observar as galerias do pavimento térreo e as escadas de acesso às galerias do pavimento superior – a observação das galerias desse pavimento fica prejudicada devido à posição da escada ortogonal à galeria.

As presas que não participam de atividades educativas ou profissionais passam o dia presas em suas galerias, que apresentam diferentes características. As galerias com alojamentos coletivos – com capacidade para dezoito presas – que ficam no primeiro pavimento, se apresentam em um só lado do corredor, fechados com uma parede de meia altura e barras de ferro. As com celas coletivas – com capacidade para cinco presas – que ficam no segundo pavimento, possuem corredor central, fechadas com paredes inteiras, portas de ferro e janelas altas abrindo para o exterior. As galerias são subdivididas com “gaiolas”, como as do corredor principal. Diferente das novas unidades de Bangu, nas galerias não há qualquer espaço de uso comum, além do corredor.

O edifício anexo, construído para abrigar presas políticas, hoje abriga as presas idosas, estrangeiras e a ala de presas da polícia federal. É o bloco que apresenta melhores condições e que abriga, em sua maioria, celas individuais. O bloco em forma de “U” apresenta um hall central de acesso que distribui o fluxo por dois corredores: o da direita dá acesso aos alojamentos coletivos de estrangeiras e às celas de idosas e o da esquerda a outras celas individuais, algumas destinadas às presas da polícia federal⁸. Os corredores dessa edificação não apresentam janelas, somente as portas de acesso às celas – maciças em ferro com pequenas aberturas para observação. O pátio fica entre os blocos e pode ser utilizado pelas presas que não participam das atividades profissionais e educativas por todo o dia.

As celas destinadas às idosas – e algumas estrangeiras também – mostram claramente a apropriação do espaço e sua adaptação segundo suas ocupantes. Objetos pessoais, fotos de filhos – principalmente – paisagens da terra natal, celebridades, assim como a pintura das celas, muitas com cores e temas diferentes, prateleiras e gaveteiros de plástico dão personalidade aos ambientes. A presença de um lençol ou plástico pendurado para “separar” o sanitário e criar privacidade é constante em todas as alas visitadas. Nos alojamentos também são usados lençóis nos beliches, e as figuras e pinturas nas paredes, próximas às camas, personificam cada pedacinho do alojamento.

⁷ São divisões feitas com portas de grade que dividem a galeria de celas em subsecções.

⁸ Esse bloco não foi visitado, segundo depoimentos de funcionários e presas, apresenta um corredor central ladeado de celas individuais com portas maciças, além de alojamentos para estrangeiras.

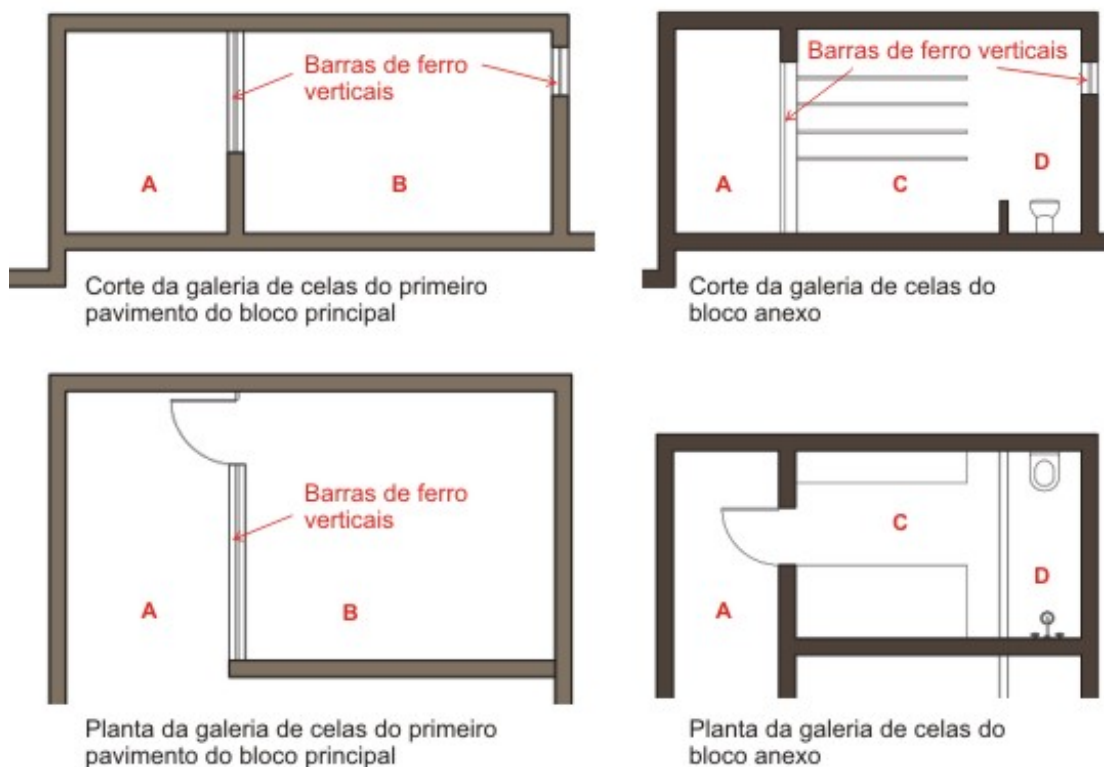


Fig. 04 – plantas e cortes esquemáticos das galerias de celas da edificação principal e anexa

Fonte: desenho da autora

O oferecimento das atividades de arte capacita as presas a cuidar melhor do seu espaço físico, fato que se nota na visitação através dos enfeites, das pinturas nas paredes. Essa personificação do ambiente faz com que as presas estabeleçam laços com o espaço – não só a cela, mas todo espaço comum da unidade – “decorado” com figuras de papel, recortes, quadros e objetos confeccionados pelas detentas. Da mesma forma a implantação do salão de beleza não só capacita as presas, através da oficina, como permite a sua utilização, fato que segundo as funcionárias – da SEAP, como psicólogas, assim como agentes da unidade – melhora a auto-estima.

Apesar de serem minúsculos espaços padronizados com uma cama e um pequeno banheiro, as figuras nas paredes, recortes em papel em forma de estrelas, flores, corações, e até mesmo pinturas feitas com stencil tornam cada um dos ambientes – fisicamente idênticos – particular e inconfundível.⁹

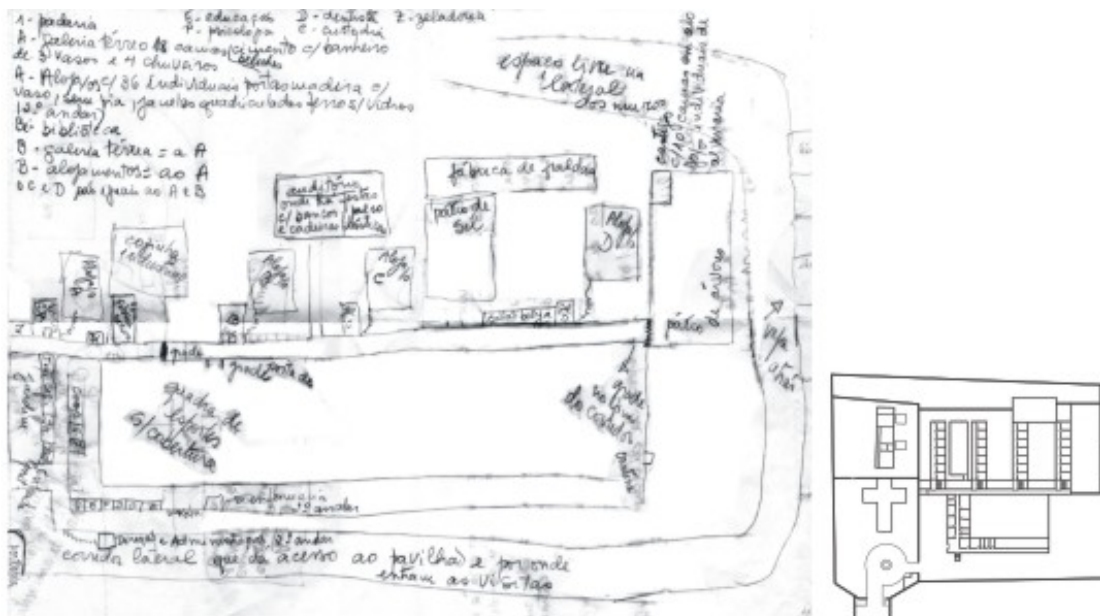
Nota-se uma mudança significativa, já indicada por profissionais da área – da SEAP, o arquiteto Wilson Jorge e Eduardo König – e observada em campo, quanto ao perfil das presas. Se anteriormente o perfil da presa se configurava por pessoas de baixo poder aquisitivo e pouca instrução, hoje já se nota um grande número de presas de classe média, instruídas, em geral envolvidas com o tráfico de drogas. “A experiência nesta unidade e essa mudança de perfil fizeram com que eu pudesse me colocar nos lugar das presas com mais facilidade (...), já que a história de vida de muitas não era tão diferente da minha.”¹⁰

Disposta a colaborar com a pesquisa, uma das presas faz um desenho da unidade (Fig. 05). O desenho além de esclarecer a localização de alguns equipamentos da penitenciária não visitados, se mostrou um material riquíssimo sobre a percepção da presa da unidade. Comparando o desenho com as plantas baixas nota-se o valor dado as áreas de trabalho, que aparecem bem maiores e as galerias de celas reduzidas a pequenos “quadrinhos”. Da mesma forma a galeria onde se localiza a sua cela, aparece desenhada com mais detalhes e a

⁹ Trecho retirado do Relato Experiencial do Talavera Bruce, realizado pela autora.

¹⁰ Trecho retirado do Relato Experiencial do Talavera Bruce, realizado pela autora.

área destinada à visitação “decorada” com árvores, um desenho mais humanizado e muito mais rico, onde se nota com clareza a intenção de representar melhor o ambiente. Quando questionada sobre o desenho ela relata que, de fato, a área de visitação é um ambiente pra ela carregado de suas únicas boas lembranças da unidade – sua convivência com a sua família.



Desenho de uma presa do bloco principal e planta esquemática



Desenho de uma presa do bloco anexo e planta esquemática

Fig. 05 – Desenhos de uma presa e plantas esquemática

Fonte: arquivo pessoal da autora

Bangu IV ¹¹

As unidades penais Bangu III e IV apresentam projetos idênticos e são concebidas como unidades compactas, buscam o máximo de aproveitamento do espaço e baixo custo de construção. São edificações que utilizam praticamente toda a extensão de área destinada para o seu uso. Devido a essa implantação, os ambientes são voltados para dentro – com aberturas somente na cobertura – exceto nos blocos de administração interna e apoio e no bloco extramuros. O projeto da penitenciária Bangu III e IV (Serrano Neves) foi desenvolvido pela

¹¹ A visita a unidade Bangu IV foi realizada em 07/12/2004.

PROMON¹² com base em diretrizes do DESIPE¹³, fundamentados nas experiências com as unidades de Bangu I e II.

O projeto segue tipologia de blocos paralelos: duas alas de blocos de celas com um pátio no centro e edificações de apoio, serviços e administrativo no bloco da frente e de fundos. A tipologia adotada facilita bastante a vigilância por permitir uma ampla visão do estabelecimento. “Da entrada do corredor de acesso as celas (no bloco de administração interna – pode-se ver quase toda a unidade: o pátio interno, algumas galerias e os blocos do fundo”¹⁴. Segundo o arquiteto Claudio Taulois¹⁵, que trabalhou no desenvolvimento do projeto, e o engenheiro Eduardo Konig, o projeto deveria se organizar como a unidade de Bangu I – em duas alas principais – e apresentar uma edificação administrativa interna mais dissociada da área de vivência – oferecendo maior segurança aos funcionários. O espaço central entre as duas alas é ocupado pelo pátio e para atividades para os presos, de modo que os presos possam ficar isolados no setor de vivência – inclusive durante a visitação – saindo somente para atendimento psicológico, jurídico ou do serviço social.

A unidade (Fig. 06)   inaugurada com capacidade para 480 presos e   composta por seis blocos: um extramuros, de apoio, e os intramuros; dois deles com edifica es térreas compostas por oito galerias de 30 celas cada; um deles com dois pavimentos para escola, oficina e lavanderia de uso dos detentos, que fica ao fundo da unidade; outro com quadra esportiva coberta, cantina e serviço médico e o último com dois pavimentos, que   o bloco que d  acesso   unidade e abriga a administra o, assistência social, jurídica e instala es para os agentes penitenciários – o bloco de administra o interna que d  atendimento ao preso. O projeto prevê ainda uma capela ecumênica, que não   construída. Esse projeto devia ser um modelo a ser repetir em diversas unidades, conformando o novo complexo penal, porém foram somente construídas duas unidades: Bangu III e IV.

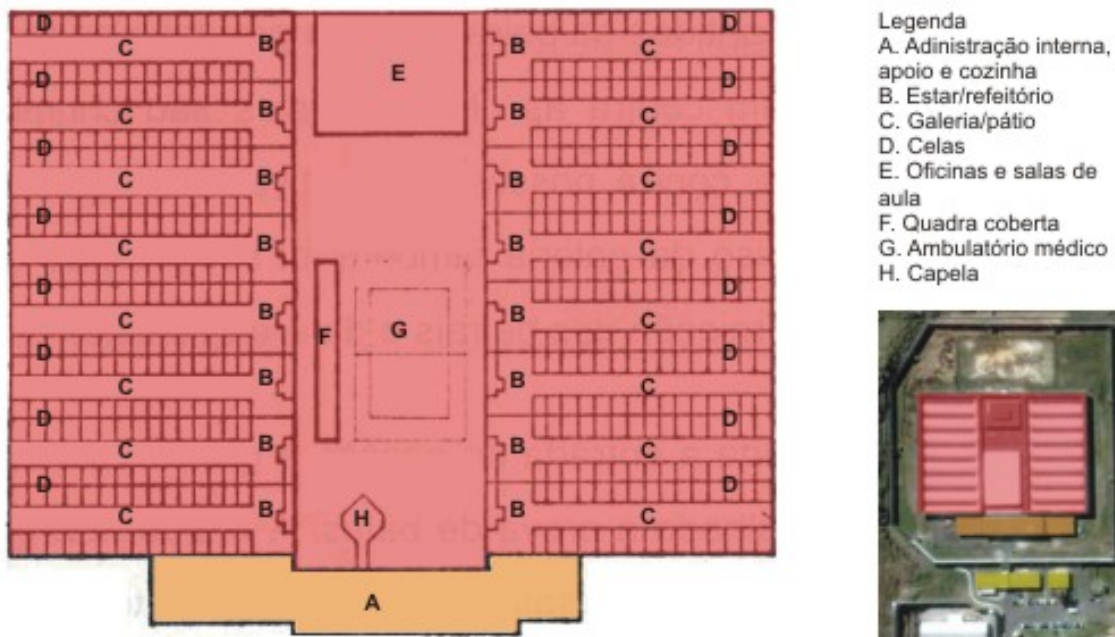


Fig. 06 – Bangu IV

Fonte: SENNA, 1996: 207

Ao longo de todo o projeto foram realizadas pequenas altera es solicitadas pelo DESIPE. Por questões de segurança, no bloco de administra o interna são excluídos os diversos acessos – para visitantes, funcionários e entrada de material e alimentos – mantendo-se somente o acesso principal –  nico. A cozinha permanece em funcionamento por pouco tempo, logo a unidade passa a ser abastecida por “quentinhas”. Em Bangu IV, a cozinha se torna um

¹² Empresa brasileira, fundada em 1960 que atua no setor de engenharia.

¹³ Antigo Departamento do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro, hoje, Secretaria de Administra o Penitenciária (SEAP)

¹⁴ Trecho retirado do Relato Experiencial de Bangu IV, realizado pela autora.

¹⁵ Entrevista realizada em 10/06/2008.

depósito e, parte das salas de atendimento é transformada em alojamento de presos jurados de morte – também conhecido como “seguro” ou “isolada”¹⁶ devido ao crescente número de presos e a escassez de vagas. Depois da implementação da visita íntima no sistema penal, a primeira galeria de celas junto ao bloco de administração e apoio é adaptado para tanto. As portas de grade foram trocadas por portas de ferro fechadas e são colocadas camas de casal.

O bloco de educação/trabalho se encontra desativado e sem uso, desde a ocorrência de uma rebelião, onde o mobiliário e os equipamentos foram destruídos. Segundo funcionários da segurança¹⁷, a localização do bloco no fundo da edificação prejudica a vigilância e põe em risco os funcionários escalados para esta área. As roupas passam então a serem lavadas nos tanques no fundo das galerias de celas e as atividades de trabalho se reduzem à manutenção e limpeza da unidade¹⁸. A ala do ambulatório médico também se modifica bastante. Segundo funcionários da segurança¹⁹ da unidade de Bangu IV, a localização do bloco expõe os funcionários aos presos por se localizar na área de vivência. Após ocorrência de algumas rebeliões, o atendimento médico é transferido para as salas de atendimento e a cantina – local de maior movimentação na unidade – é ampliada.

A concepção da galeria é simplificada (Fig. 07), os *sheds* da cobertura – usados em Bangu I e II são substituídos por uma laje plana inteira coberta por um telhado, facilitando a execução e reduzindo custos. A abertura na cobertura galeria é reduzida, evitando que respingue água nas celas e, em lugar da pérgula, é colocada uma grade que fica chumbada ao beiral. Para compensar a retirada do *shed*, o beiral é deslocado para baixo, permitindo a abertura de um lanternim, logo acima da porta, para a entrada de luz e ventilação da cela. Grande parte dos presos cobre esse lanternim com lençóis, e papelões.

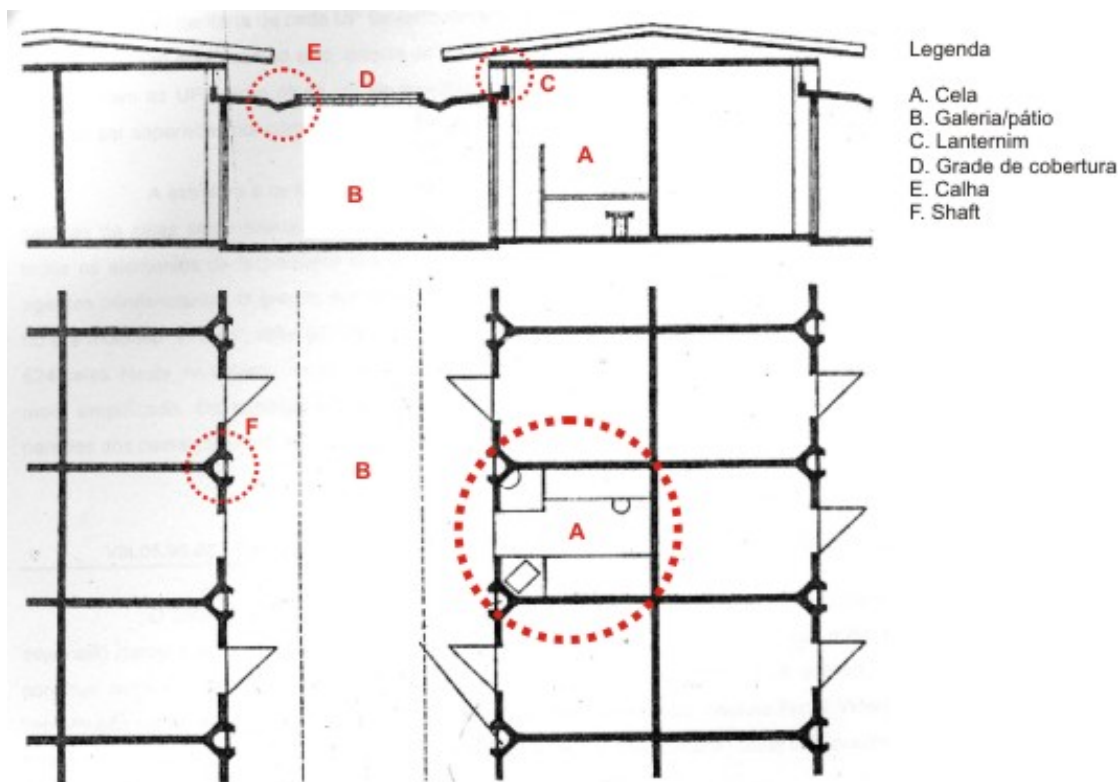


Fig. 07 – planta e corte da galeria de celas de Bangu IV

Fonte: SENNA, 1996: 209

¹⁶ Observado em campo, visita realizada em 07/12/2004.

¹⁷ Entrevista realizada em 07/12/2004.

¹⁸ Entrevista realizada com presos, uma assistente social e uma psicóloga da unidade em 07/12/2004

¹⁹ Entrevista realizada em 07/12/2004.

Nas celas há uma pequena alteração na disposição de seus elementos, facilitando as instalações hidráulicas e de esgoto, a confecção e execução das placas pré-moldadas de concreto, além de concentrar a área molhada, reduzindo a umidade – comum nas celas dotadas de sanitário. Mantêm a mesma área das celas das unidades anteriores (Bangu I e II, atendendo a LEP), no entanto com o passar do tempo e a superlotação das unidades, foram inseridos beliches nas celas, duplicando a sua capacidade²⁰. Como em outras unidades visitadas²¹, é muito freqüente que as paredes se mostrem cobertas por fotos, cartões, imagens de revistas, assim como o uso de lençóis – “come quieto” – para se ter alguma privacidade. “Olhando esse espaço [a cela], nota-se que por mais que o preso não deseje estar na unidade, ele cria laços com o seu espaço: a cela, e geralmente cuida e mantém esse espaço com afinco”²². Ainda assim, a falta de manutenção, os visíveis vazamentos e os lençóis pendurados por toda parte, dão um aspecto de precariedade e insalubridade, acentuado pelo cheiro forte de urina e gente.

Apesar do conhecimento profundo do projeto da unidade, a experiência no lugar trouxe a luz diversos aspectos sobre o ambiente de vivência do preso que jamais poderiam ser alcançados de outra forma. Essa experiência mostrou que mesmo que se tentasse olhar o ambiente desprovido de preconceitos – no sentido literal da palavra – a sensação de medo foi inevitável.

O fato de estar dentro de uma galeria com três funcionários e uma média de 60 presos assusta bastante, mesmo porque a galeria apresenta apenas uma porta de entrada que, se dominada pelos presos, não há saída. Noto com clareza a impotência dos funcionários junto àquela massa de presos, seria praticamente impossível conte-los em uma situação como essa. Se estávamos seguros, isso se devia exclusivamente a vontade dos presos.²³

Diversos funcionários do setor de segurança, assim como engenheiros e arquitetos com experiência na área, afirmam que a compartimentação da unidade penal é fundamental para o seu gerenciamento. Em Bangu III e IV, o corredor de acesso às galerias é todo compartimentado por grades e cada transição de setor é feita através de duas portas gradeadas – ou “gaiolas” – através de acesso único. “Para cada “passo” uma grade, um cadeado, uma chave”²⁴. A entrada das galerias de celas, além de ser dotada desse artifício, apresenta um avanço gradeado que permite ampla observação, assim como um parlatório com acesso diferenciado para preso e visitante, permitindo que o preso receba visitas sem sair da galeria (Fig. 08).

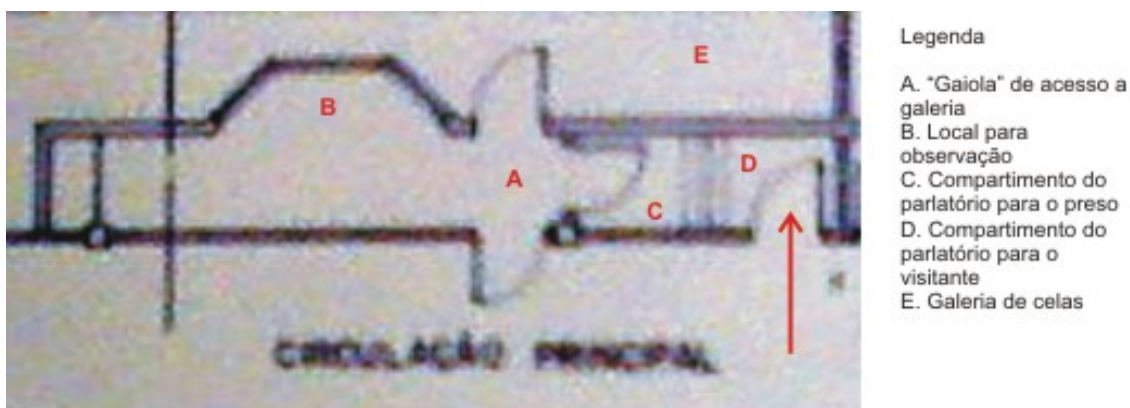


Fig. 08– transição da galeria de celas para a circulação principal.

Fonte: arquivo pessoal do arquiteto Claudio Taulois

O parlatório, em geral, é usado para o recebimento de advogados, ou por parentes, que fazem a visita fora dos dias fixos estabelecidos pela unidade. Nos dias normais de visitação, esta se realiza no pátio central. Somente permanecem no pátio presos que têm visitas, os demais

²⁰ Segundo o depoimento de alguns agentes penitenciários a Penitenciária Bangu IV chega a abrigar em torno de 1100 presos. Entrevista em 07/12/2004.

²¹ Frei Caneca, Esmeraldino Bandeira, Talavera Bruce, Instituto Plácido Sá Carvalho.

²² Trecho retirado do Relato Experiencial de Bangu IV, realizado pela autora.

²³ Trecho retirado do Relato Experiencial de Bangu IV, realizado pela autora.

²⁴ Trecho retirado do Relato Experiencial de Bangu IV, realizado pela autora.

ficam presos em suas galerias. A visita íntima é realizada em uma das galerias, que funciona somente para esse fim, a galeria mais próxima à entrada. O fato de muitos presos não terem parceiros fixos e da visita íntima se realizar em menor frequência que a visita habitual, sendo também condicionada ao bom comportamento do preso, traz a improvisação de “cabanas” armadas com cobertores e lençóis nos pátios onde se realizam as visitas habituais para a visita íntima. Como os pátios se configuram por enormes vazios, na maior parte das vezes, sem qualquer equipamento como bancos ou mesas, as cabanas servem também para criar um ambiente mais íntimo, onde os presos muitas vezes reúnem a família para uma refeição – trazida pelos familiares.

Segundo o relato de funcionários de Bangu IV, a concepção da unidade facilita bastante a vigilância pelos seguintes motivos: (1) a localização da quadra no centro da unidade permite ampla observação do espaço que concentra maior número de presos; (2) a compartimentação do espaço; (3) a configuração da galeria de celas; (4) possibilidade de observação da galeria de celas através de sua abertura, de cima da edificação – como as que se localizam na extensão dos muros, conhecida como “passadiço”. Por outro lado, a existência do “passadiço” pode facilitar o acesso à cobertura em caso de rebelião. O pátio, localizado atrás da edificação, é considerado o ponto mais difícil de ser observado e permaneceu por bastante tempo sem uso após denúncias feitas pela mídia.

De modo geral a edificação apresenta um forte aspecto de abandono devido à falta de manutenção e o próprio acabamento dado a edificação. Apesar dos presos cuidarem da limpeza, os vazamentos, o uso da descarga de esgoto ter horários fixos e alta concentração de pessoas em pequenos espaços mantém um mau cheiro que costuma estar presente também nas demais unidades penais. Entre o muro e a edificação interna pode-se observar ratos e suas tocas, fato que os agentes dizem estar associado ao fato da unidade penal produzir um volume enorme de lixo e que se agrava pelo fato dos presos armazenarem comida e fazerem as suas refeições dentro das celas. Como qualquer ambiente, a penitenciária apresenta uma rotina de atividades e regras singulares de convivência. Depois de certo tempo de permanência no ambiente, sua imagem associada aos conflitos mostrados pela mídia se afasta, mas estar entre uma massa de presos, de fato, causa tensão.

O aspecto de abandono é latente acentuado pelas paredes cinza mal conservadas – de tijolo hidráulico ou concreto aparente – que dão a impressão de estarmos em uma construção não acabada. Logo que se adentra o bloco intramuros é possível sentir o cheiro forte, característico das prisões – uma mistura de cheiro de urina, gente amontoada e comida – que permite que o visitante rapidamente se oriente rapidamente quanto à localização das galerias de celas. (...) [De cima do passadiço] A vista é bonita e corre uma brisa, dá até pra esquecer que estamos em uma unidade penal.²⁵

4. Considerações sobre a Contribuição da Arquitetura e da Experiência

Os projetos das unidades penais muitas vezes são elaborados por arquitetos conceituados e apresentam grande qualidade projetual, no entanto, a **falta de conhecimento do ambiente penal e da sua rotina** geram problemas na utilização do edifício. Os projetos elaborados em parceria com funcionários das secretarias responsáveis têm gerado resultados mais satisfatórios – como é o caso das unidades de Bangu III e IV. Em geral, os autores de projetos penais são contratados somente para fazer o projeto básico, ficando a cargo da construtora o projeto executivo (JORGE, 2000: 54). Desse modo, a **execução dos projetos muitas vezes é feita sem o acompanhamento do arquiteto**²⁶, o que leva, constantemente, a modificações – tanto relativas a falhas de projeto, quanto a simplificações por motivos econômicos – e que nem sempre são elaboradas respeitando os princípios do projeto original, gerando algumas distorções nas propostas.

A manutenção das unidades penais raramente ocorre – costumam se reduzir a pinturas – são mais comuns pequenas reformas e ampliações. As pequenas reformas – modificação de alguns ambientes ou do tipo de uso para outros – se dão sem muito planejamento, são soluções de ordem prática, em geral, por decisão de diretores, utilizando muitas vezes mão-de-

²⁵ Trecho retirado do Relato Experiencial de Bangu IV, realizado pela autora.

²⁶ Informação obtida através das entrevistas realizadas com o engenheiro Eduardo König (09/06/2008), o arquiteto Claudio Taulois (10/06/2008), o arquiteto Wilson Jorge (18/07/2008) e alguns arquitetos da SEAP (08/07/2005 e 06/08/2007).

obra do preso²⁷. A falta de **manutenção**, além de dar às unidades uma impressão de deterioração e abandono, gera problemas principalmente associados às instalações hidráulicas e de esgoto.

A implantação do banheiro dentro da cela e os constantes vazamentos trazem umidade, facilitando a proliferação de fungos e problemas respiratórios – acentuados pela difícil renovação do ar²⁸. Como não é permitido o uso de elementos cerâmicos nas áreas de vivência, sua higienização fica prejudicada – o cheiro de urina pode ser percebido a longa distância – além de trazer ainda mais umidade para o ambiente. A elaboração dos elementos de projeto tem sido pensada de forma mais responsiva propiciando, em alguns casos, ambientes que facilitam a observação distanciada e segura.

Em Bangu IV, a utilização de paredes de meia altura, fechadas com barras de ferro (Fig., 09), possibilitam a observação distanciada e segura da galeria a partir da quadra central. No Talavera Bruce, o uso de grades de ferro na entrada das galerias e em muitos alojamentos é positivo, contudo foi necessária a utilização de “gaiolas” (Fig. 09), para compartimentação de espaços e acessos devido à grande extensão das galerias, facilitando o uso da unidade e o trabalho da vigilância – como visto também em Bangu IV, em função do que ocorria em Bangu II.

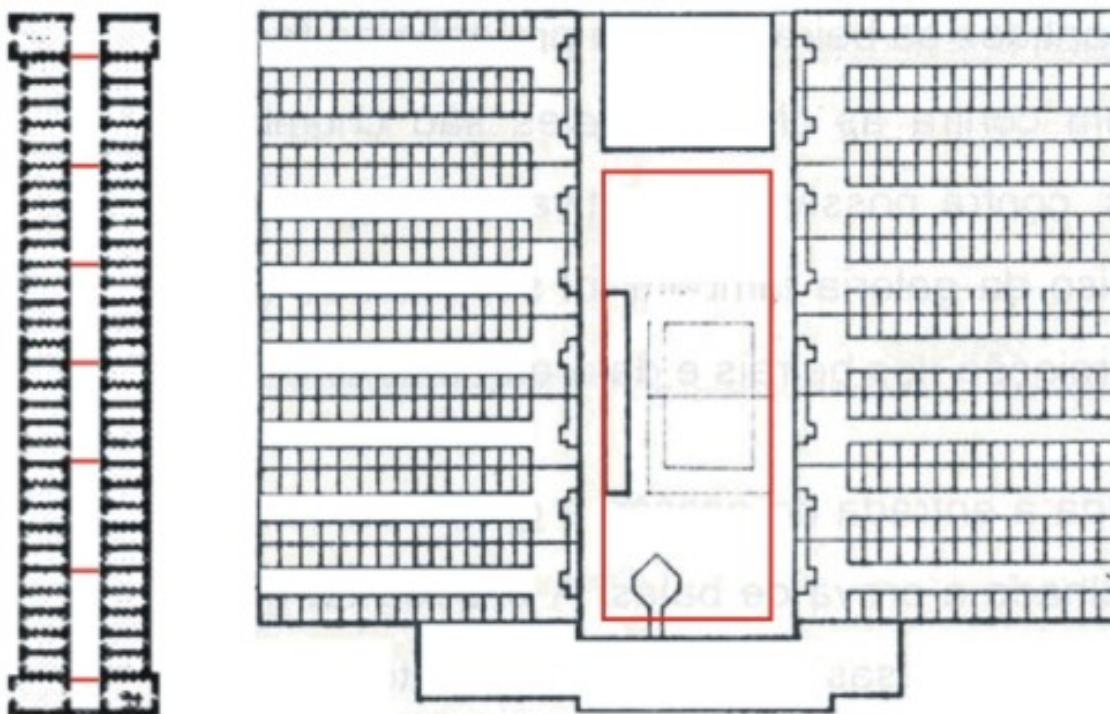


Fig. 09 – galeria de celas com “gaiolas” marcadas; planta de Bangu III e IV com a marcação das meias paredes de fechamento do corredor de acesso às galerias de celas

Fonte: desenho da autora

A **circulação** das edificações penais deve ser profundamente estudada, evitando a sobreposição de fluxos de natureza diversa – visitantes, presos, funcionários – e possibilitando a rápida ocupação da unidade pelo corpo de guarda, quando necessário. O seu dimensionamento, que deve ser tal que facilite a observação – evitando corredores estreitos, muito extensos, e fechados. Nas galerias de celas a largura do corredor deve permitir uma circulação segura, distante o suficiente das grades das celas para que os presos não alcancem os agentes de segurança. O corredor de acesso às galerias, principalmente quando estiver

²⁷ Segundo Eduardo König (entrevista em 09/06/2008), os presos somente trabalham em obras que propiciem melhoria para o ambiente, como manutenção, pintura, construção de áreas de trabalho ou lazer, se recusando a trabalhar em ampliações ou construções de unidades novas.

²⁸ Informação obtida através das entrevistas realizadas com profissionais da área de saúde (09/12/2004, 13/11/2008 e 20/11/2008).

faceado por espaços de uso comum, deve ser fechado com meia parede e barras de ferro, permitindo assim a sua observação.

Outro ponto fundamental na arquitetura das unidades penais é a possibilidade do projeto permitir a **iluminação natural** e, principalmente, a **renovação de ar** nas celas e alojamentos. As galerias que usam celas “fundo contra fundo” impedem a ventilação cruzada e a renovação do ar, mesmo quando apresentam aberturas nos corredores – que permitem a entrada de luz. As galerias com corredor central devem apresentar aberturas, tanto para o corredor quanto para o exterior, para permitir a renovação do ar. Quando as galerias apresentam celas de um só lado, os corredores devem apresentar aberturas, assim como as celas devem se abrir para o corredor e para o exterior para possibilitar a renovação do ar.

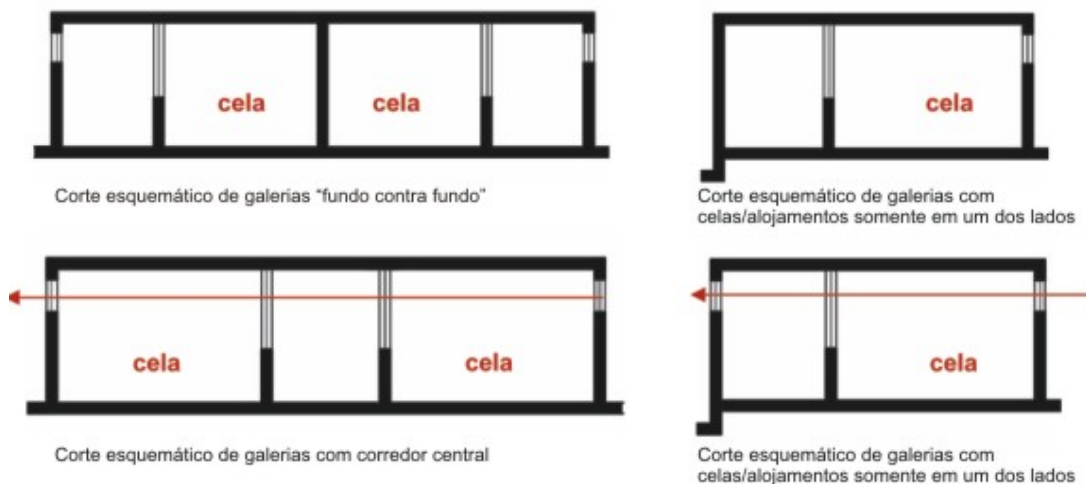


Fig. 10 – estudos das galerias de celas.

Fonte: desenho da autora

Em Bangu IV, a **configuração espacial da quadra e dos pontos de vigilância** – facilitada pela maneira como é feita a distribuição de fluxo²⁹ – não permite a existência de pontos cegos na vigilância, o inverso ocorre no seu **pátio** ao fundo. No Talavera Bruce, os pátios internos apresentam segurança por serem fechados pela própria edificação, porém difícil observação, feita somente através de sua porta de entrada ou de dentro do espaço. A área externa não apresenta telas de proteção ou muros, facilitando o esconderijo de presas entre os blocos separados ao fundo.

A **abertura na cobertura das galerias** das unidades de Bangu III e IV permite a iluminação natural das celas, amenizando o problema da umidade, assim como se mostra positiva por permitir o seu isolamento – compartimentando ainda mais a unidade, fato que não ocorre no Talavera Bruce. A abertura superior na galeria também oferece a observação da galeria, de cima do “passadiço”, favorecendo a vigilância e principalmente a cobertura dos agentes em ações como revistas ou contenção de rebeliões. Por outro lado, a disposição de celas “fundo contra fundo” nas unidades Bangu III e IV impossibilita a ventilação cruzada, situação que não acontece em alguns blocos do Talavera Bruce.

A **localização das áreas de trabalho dos presos** no setor de vivência, em Bangu IV traz maior segurança, por concentrar os presos em um mesmo setor³⁰, fato que não ocorre no Talavera Bruce – que apresenta as áreas espalhadas por toda a unidade. Este fato torna difícil o controle dos presos que necessariamente circulam por toda a unidade³¹, impedindo a separação dos fluxos. No entanto, as áreas de trabalho, mesmo situadas na área de vivência

²⁹ A observação dos presos na quadra é constante e inesperada, feita pela própria circulação dos funcionários no setor intermediário.

³⁰ Exceto alguns poucos que trabalham no setor intermediário – que necessariamente apresentam bom comportamento.

³¹ Apesar dos presos apresentarem um cartão de identificação – uma espécie de “passe” – que identifica seu destino – oficinas, atendimento médico, jurídico, social –, esse controle se torna difícil dependendo do número de presos na unidade.

devem se localizar preferencialmente próximas ao limite desse setor com o setor de apoio, possibilitando o isolamento dos presos no mesmo setor, mas também uma ação rápida dos agentes em caso de rebelião.

Em todas as unidades penais visitadas é nítida a **apropriação** do ambiente – ainda mais evidenciada nas penitenciárias, pelo seu caráter definitivo. Somente as unidades de Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) impedem a presença de objetos pessoais de presos nas celas, no entanto o mobiliário básico empregado nas unidades se restringe a uma cama, mesa e banco – além dos equipamentos sanitários. Alguns presos conseguem instalar prateleiras e utilizar pequenos armários e gaveteiros. A previsão e elaboração desse mobiliário evitariam o imprevisto e permitiriam também que o preso estabelecesse um pequeno território como seu, facilitando o estabelecimento de uma melhor relação com o espaço. O emprego de materiais duráveis é recomendado devido a pouca manutenção do espaço penal e ao fato de que qualquer objeto, como um pedaço de metal ou madeira, pode se tornar uma arma.

Os itens elencados traduzem, de forma sintética e objetiva, como alguns parâmetros arquitetônicos podem contribuir para que a instituição penal possa ter um uso mais responsivo e a segurança mais facilmente mantida. Não é objetivo deste trabalho comparar as instituições visitadas em termos de eleger “a melhor” entre elas. Tais estabelecimentos foram usados somente como apoio para a busca sobre os elementos arquitetônicos que podem vir a atuar decisivamente no desenvolvimento do projeto.

Considerações Finais

A concepção dos espaços penais se mostra como um **entrelaçamento de conhecimentos** técnicos, acadêmicos e experienciais. **Técnico**, por necessitar de um profundo conhecimento dos materiais construtivos – não só de sua execução, mas principalmente de suas propriedades (resistência e durabilidade, entre outros). **Acadêmico**, por necessitar de um profundo e claro estudo de fluxos e setorização, assim como da conjugação das instalações – elétricas, hidráulicas e de esgoto – com os aspectos de segurança. **Experiencial**, por ser fundamental o conhecimento do funcionamento das unidades para a previsão de situações de risco e saídas encontradas pelos presos para driblar os aparatos de segurança, somente vivenciados por funcionários que convivem diariamente nas unidades.

Nas unidades penais, mais uma vez se constata o **caráter transdisciplinar, híbrido** – que vem sendo requerido em diversas áreas do conhecimento – e o fato de que o bom desenvolvimento do espaço penal – seja pelo aspecto da segurança, condição sanitária, humanização, social ou psicológico – depende de uma série de conhecimentos que vão além do conhecimento disciplinar da arquitetura. Abrange não só outras disciplinas, como também o conhecimento prático da experiência de atuar no ambiente rotineiramente, mostrando que o aprendizado do arquiteto é contínuo. A necessidade desse entrelaçamento de conhecimentos na área penal é antiga, apesar de nem sempre ser aplicada, vem trazendo melhores resultados para o funcionamento das unidades e seus objetivos. Essa interação do arquiteto com os demais profissionais envolvidos permite uma atuação profissional mais aproximada e mais responsiva, evitando as interpretações distanciadas do ambiente penal.

A prisão se configura no imaginário cultural de forma mais negativa do que se pode constatar em campo. A grande maioria dos presos não apresenta alta periculosidade³² e as cenas mostradas pela mídia não são uma constante. A entrada na unidade e o bater do portão provocam tensão e mesmo medo, mas ao experienciar o lugar nota-se que os estabelecimentos apresentam uma rotina menos conturbada. Pode-se ouvir o burburinho de vozes distantes e observar os presos circulando de forma natural em suas atividades cotidianas – faxina, trabalho nas oficinas, pegando sol em cadeiras de praia. Com o passar do tempo a tensão diminui, a idéia do preso agressivo vai se afastando³³ e o preso pode ser visto como um ser humano, de forma menos estigmatizada. Desse modo, torna-se mais fácil a

³² Esse fato vem sendo constatado desde o início do século XX, como relata Johnston (1973: 50) permanecendo assim atualmente (Revista Época, 22/05/2006; Ciência Hoje, 06/2007).

³³ Apresentam-se também situações onde se constata com clareza a tensão presente na relação entre preso e agente ou diretor, assim como entre presos – troca de olhares, desconfiança. No entanto, a relação com funcionários de psicologia, assistência jurídica e social se dá de forma mais tranquila, por serem estes vistos pelos presos como funcionários que trabalham para a sua assistência e não repressão. O trato com pesquisador se deu também de forma tranquila.

aproximação e a apreensão de seus relatos que possibilitam a elaboração de ambientes mais próximos a sua realidade e seus objetivos.

Referências Bibliográficas

- JOHNSTON, Norman. **The Human Cage: a brief history of prison architecture**. Pensilvania: The American Foudation, Incorporate Institute of Corrections, 1973.
- FORTY, Adrian. **Words and buildings: A vocabulary of modern architecture**. London: Thames and Hudson, 2000.
- JORGE, Wilson Edson. **O Sistema Penitenciário de São Paulo e os Projetos de Estabelecimentos Prisionais: avaliação da contribuição profissional em projetos para o sistema**. São Paulo: FAU/USP, 2000. Tese de Livre Docência,
- LATOURE, Bruno. **A Esperança de Pandora**. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2001.
- LEFÈBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1991.
- LEI N.º 7.210, DE 11 DE JULHO DE 1984**. Disponível em:
http://www.susepe.rs.gov.br/susepe/portal/arquivos/leis/lei_execucao_penal.html
- LEMGRUBER, Julita. **Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres**. Rio de Janeiro: Forense, 1999.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas: Editorial Psy, 1995.
- MONTANER, Josep Maria. **A Modernidade Superada/ arquitetura, arte e pensamento do século XX**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.
- MORIN, Edgar. **Cabeça feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000
- RHEINGANTZ, Paulo A; ALCÂNTARA, Denise de; DEL RIO, Vicente. **Cognição Experiencial, Observação Incorporada e Sustentabilidade na Avaliação Pós-Ocupação de Ambientes Urbanos**. In Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 35-46, jan./mar. 2007b.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1996.
- SENNÁ, Mauro Mendonça, **O conforto ambiental na arquitetura penitenciária: um estudo de caso da cela individual de Bangu**. Rio de Janeiro; FAU UFRJ PROARQ, 1994.
- SOARES, Bárbara Musumeci; ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras – vida e violência atrás das grades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- SOMMER, Robert; SOMMER, Barbara. **A Practical Guide to Behavioral Research. Tools and Techniques**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- STENGERS, Isabelle. **A Invenção das Ciências Modernas**. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- THOMPSON, Evan. **Human Consciousness: from the intersubjective to interbeing**, Nova York, Festzer Institute, 1999. Disponível em [<http://philosophy.ucf.edu/pcs/pcsfetz1.html>] acesso em 16/07/2008.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSH, Eleonor. **A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
- VIANA, Lídia Quiêto. **A Contribuição da Arquitetura na Concepção de Edificações Penais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ/PROARQ. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), 2009.

Lista de Figuras

| Figura | Título | Fonte | Página |
|---------------|---|---|---------------|
| Fig. 01 | Complexo Penitenciário de Bangu, RJ | Fonte: Google Earth | 09 |
| Fig. 02 | Entrada da Penitenciária Talavera Bruce e a capela | http://programastvonline.blogspot.com/2007/11/presas-modelos-documental-documentos-tv.html | 10 |
| Fig. 03 | Planta esquemática da Penitenciária Talavera Bruce | Desenho da autora | 11 |
| Fig. 04 | plantas e cortes esquemáticos das galerias de celas da edificação principal e anexa | Desenho da autora | 13 |
| Fig. 05 | Desenhos de uma presa e plantas esquemática | Arquivo pessoal da autora | 15 |
| Fig. 06 | Bangu IV | SENNA, 1996: 207 | 16 |
| Fig. 07 | planta e corte da galeria de celas de Bangu IV | SENNA, 1996: 209 | 18 |
| Fig. 08 | transição da galeria de celas para a circulação principal | arquivo pessoal do arquiteto Claudio Taulois | 19 |
| Fig. 09 | galeria de celas com “gaiolas” marcadas; planta de Bangu III e IV com a marcação das meias paredes de fechamento do corredor de acesso às galerias de celas | Desenho da autora | 21 |
| Fig. 10 | estudos das galerias de celas | Desenho da autora | 22 |